

Estudo aponta que 14% das famílias passam fome no Estado

14% das famílias do RS passam fome

Levantamento divulgado ontem indica que insegurança alimentar grave é caracterizada por deixar de comer por falta de dinheiro

ANDERSON AIRES
anderson.aires@zerohora.com.br

O RS é o Estado da região sul do país com maior percentual de lares que enfrentam a fome. No Estado, 14,1% dos domicílios registram insegurança alimentar grave. Esse quadro é caracterizado por sentir fome e não comer por falta de dinheiro para comprar alimentos, fazer apenas uma refeição ao dia ou ficar o dia inteiro sem comer.

Os dados são do 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 (Vigisan), divulgado ontem pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan). O Paraná tem 8,6% dos lares em situação de insegurança alimentar grave. Já Santa Catarina apresenta 4,6% nesse indicador.

O relatório destaca: "As diferenças entre os Estados estão ligadas tanto aos processos históricos de suas dinâmicas populacionais, estruturas socioeconômicas e processos políticos, quanto à aderência das decisões político-administrativas e das agendas de organizações sociais às necessidades de suas populações locais".

Levando em conta a insegurança alimentar moderada, o levantamento mostra que 25,4% dos lares gaúchos enfrentam algum tipo de falta de alimento. E também aponta que 64% das famílias que se encaixam nesta situação têm renda de até meio salário mínimo por pessoa.

Integrante da Rede Penssan e presidente do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável (Consea-RS), Juliano de Sá faz alerta em relação à pre-

sença de crianças em lares com insegurança alimentar moderada ou grave. No Estado, quatro em cada 10 domicílios com crianças de até 10 anos têm segurança alimentar.

– Serão crianças que estarão mais sensíveis a doenças. Isso também vai desencadear, no médio prazo, série de questões que as nutricionistas abordam sobre o desenvolvimento biológico dessas crianças. Elas terão problemas desde o processo de função, de produção de células, de equação hormonal. Isso pode gerar problemas de crescimento físico, mas sobretudo na questão do desenvolvimento como um todo – avalia Juliano.

No Rio Grande do Sul, 52,4% dos domicílios vivem situação de segurança alimentar. Ou seja, os integrantes do grupo familiar têm acesso regular e permanente a alimentos em quantidade suficiente e sem o comprometimento do acesso a outras necessidades básicas.

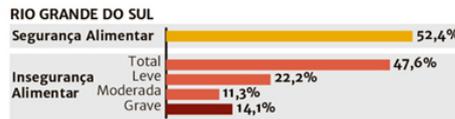
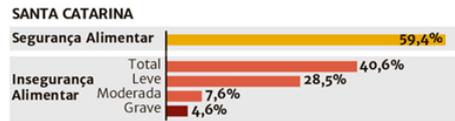
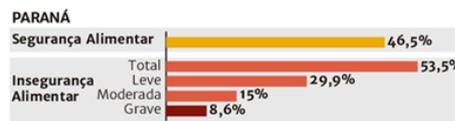
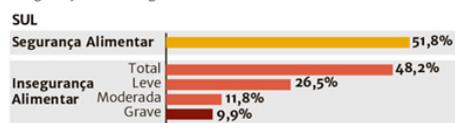
O relatório ainda destaca que, mesmo com o Auxílio Brasil, famílias com rendimentos de até meio salário mínimo por pessoa não apresentaram melhora significativa no acesso à alimentação adequada.

O economista e professor Ely José de Mattos, da Escola de Negócios da PUCRS, diz que um dos caminhos para fortalecer o combate à fome passa por sistema mais robusto:

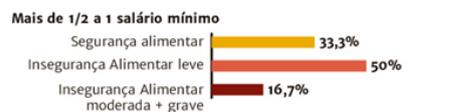
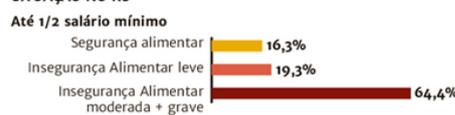
– Renda é pilar fundamental, mas, como a gente não consegue fazer redistribuição massiva de renda sem que isso gere outros problemas, inflacionários inclusive, a gente precisa ter rede de suporte, assistencial. Um sistema alimentar que envolva merenda escolar.

As apurações

RS é o Estado com maior percentual de famílias em situação de insegurança alimentar grave no Sul



SITUAÇÃO NO RS



Fonte: Rede Penssan

Classificação

• **Segurança alimentar:** a família tem acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente

• **Insegurança alimentar leve:** preocupação ou incerteza em relação ao acesso aos alimentos no futuro; qualidade inadequada dos alimentos

• **Insegurança alimentar moderada:** redução quantitativa de alimentos ou ruptura nos padrões de alimentação

• **Insegurança alimentar grave:** sentir fome e não comer por falta de dinheiro; fazer apenas uma refeição ao dia, ou ficar o dia inteiro sem comer

Os números no Brasil

Ainda segundo o levantamento, três em cada 10 famílias enfrentam algum nível de falta de alimentos ou passam fome no país. Em números absolutos, são 125,2 milhões de pessoas com insegurança alimentar – leve, moderada ou grave. Estados do Norte e do Nordeste têm, proporcionalmente, os mais graves índices. A situação é pior em domicílios com crianças de até 10 anos ou aqueles com renda familiar per capita inferior a meio salário mínimo.

No Maranhão, por exemplo, quase dois terços (63,3%) das residências com crianças até 10 anos apresentam insegurança alimentar moderada ou grave. A pesquisa foi feita entre novembro de 2021 e abril de 2022, com entrevistas em 12.745 domicílios de 577 municípios, distribuídos nos 26 Estados e no Distrito Federal.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Página: 10